



5.4. *Quando Hitler Roubou o Coelho Cor-de-rosa*⁹⁸, de Judith Kerr ou a Segunda Grande Guerra Mundial (auto)ficcionada

Sara Reis da Silva
(Instituto de Educação – Universidade do Minho)

Resumo: *Quando Hitler Roubou o Coelho Cor-de-rosa* (1971) é o primeiro volume de um tríptico da autoria de Judith Kerr (Berlim, 1923), autora mundialmente reconhecida. Texto no qual se cruzam as memórias da infância e uma visão actual(lizada) de uma guerra que determinou o destino de refugiada da autora e da sua família (como de tantas outras), este é um exemplo de uma escrita na qual a temática da infância e da sua capacidade de superação surgem ficcionalizadas com elevada qualidade estética. O romance é composto por 24 capítulos, sempre abertos com um pequeno quadro ilustrativo, também concebidos pela autora. Nestes, num discurso simples, marcado por diálogos vivos e por segmentos descritivos muito expressivos, narram-se as vivências de Anna e da sua família,

98. *When Hitler Stole Pink Rabbit*, United BungFace: Puffin Books, 1971.

desde a sua partida da Alemanha nazi até Londres, passando por Zurich e por Paris.

Palavras-chave: literatura para a infância, relatos auto/semi-biográficos, refugiados, Segunda Grande Guerra Mundial.

Abstract: *When Hitler Stole Pink Rabbit* (1971) is the first volume of a three-part-work by Judith Kerr (Berlim, 1923), a worldwide recognized author. This text presents infant memories that meet with the (somehow) updated vision of a war that determined the destiny of the refugee author and her family (like many others). This text exemplifies the topic of infancy and its self-improvement ability fictionalized with high aesthetic qualities. The novel is composed of 24 chapters, always initiated with a small illustration, also by the author. The text narrates the experiences of Ann and her family, from her departure from Nazi Germany to Zurich, Paris and finally London, by means of a really simple discourse characterized by vivid dialogues and highly expressive descriptive segments.

Keywords: children's literature, Great World War II, refugees, semi/autobiographic tales.

Uma das isotopias da mais recente literatura de guerra consiste na infância deslocada ou tornada refugiada durante o III Reich ou a Segunda Grande Guerra Mundial, constatando-se, assim, a recorrência de relatos ficcionais de contornos autobiográficos (Lathey, 2014).

Com efeito, no já considerável conjunto de textos infanto-juvenis que possuem o referido conflito mundial como matriz, *Quando Hitler Roubou o Coelho Cor-de-rosa*, de Judith Kerr (Berlim, 1923), autora também, entre outras obras, do já clássico álbum narrativo *O Tigre que Veio Tomar Chá* (1968), ocupa um lugar muito relevante, sendo, aliás, uma das obras premiadas, em 1974, com o conceituado

Deutscher Jugendliteraturpreis (Prémio alemão de literatura juvenil) e consensualmente considerada como de leitura fundamental (Brennan, 2009). Primeiro volume de uma trilogia⁹⁹ que integra, igualmente, *The Other Way Round* (1975) (mais tarde, reeditado com o título *Bombs on Aunt Dainty*)¹⁰⁰ e *A Small Person Far Away* (1987)¹⁰¹, e tendo sido publicado, pela primeira vez, em 1971, em Inglaterra, país no qual a sua autora, acompanhada pela família, se viu obrigada a refugiar-se durante o regime nazi, o romance semi-autobiográfico em análise apresenta, em 24 capítulos, o percurso de vida de Anna, do seu irmão Max e dos seus pais, desde a cidade natal de Berlim, até Londres, passando por Zurich e por Paris.

O título, elemento marcado e fundamental de identificação da narrativa, sendo de tipo temático, possui um carácter catafórico, avançando metaforicamente aspectos do conteúdo do próprio relato, em concreto a alusão ao um contexto histórico, metonimicamente anunciado pela referência a Hitler. Neste, presente-se, ainda, a presença da infância, sugerida simbolicamente pelo coelho cor-de-rosa, objecto-emblema da perda¹⁰². A categoria narratológica do tempo é, assim, desde o início, crucial nesta obra, pois é um tempo histórico muito particular e a sua evocação que, em última instância, a sustentam. Na verdade, *Quando Hitler Roubou o Coelho Cor-de-rosa* exemplifica o facto da literatura para crianças e jovens constituir, não raras vezes, um reflexo do devir histórico. O relato tem início dez dias antes das eleições de 5 de Março de 1933, em Berlim, prossegue, du-

99. Desta apenas *Quando Hitler Roubou o Coelho Cor-de-rosa* foi traduzido e publicado em Portugal pela Editorial Caminho em 1992 e em 2015 pela Amadora: Booksmile, tradução e prefácio de Carla Maia de Almeida, edição utilizada neste comentário.

100. Correspondente ao relato semi-ficcional da adolescência da autora em Londres durante a guerra.

101. Obra na qual se narra um breve regresso a Berlim, enquanto jovem esposa.

102. Cf. «Decidir que brinquedos levar era a parte mais difícil. (...) Deveria escolher o coelho cor-de-rosa, que era a sua companhia desde que se lembrava, ou o novo cão de lá?» (p. 36); «(...) todos os brinquedos dela, incluindo o coelho cor-de-rosa de peluche (...)» (*idem, ibidem*: 63).

rante um ano, tendo por cenário Zurich (na estalagem Zwirn, junto ao lago), primeiro espaço físico de acolhimento da família alemã, e, posteriormente, Paris, e finaliza, em 1934, já em Londres. Marcada por mudanças dramáticas de índole diversa – geográficas ou físicas, psicológicas e afectivas –, a acção é, por conseguinte, amplamente dominada pelo tema da viagem, sucessivas incursões determinadas pela luta pela sobrevivência face à ameaça nazi.

Sendo a própria Judith Kerr a afirmar «Everything I do is autobiographical» (s.n., 2015) não surpreende, portanto, que a obra em análise seja perpassada por inúmeros elementos cuja veracidade biográfica e/ou histórica possa ser comprovada, decorrendo, portanto, de uma especial conjugação das memórias infantis, naturalmente subjectivas, e do entendimento posterior e adulto de quem escreve. Note-se, por exemplo, que Anna, alter-ego de Judith Kerr, gosta de desenhar e de escrever¹⁰³ e que o pai de Anna/Judith Kerr foi, de facto e na realidade, escritor. Trata-se de Alfred Kerr (1867-1948), autor de ascendência judaica, reconhecido e perseguido pelo regime nazi. Além disso, no texto, encontram-se, ainda, alusões a acontecimentos ou factos históricos, como o incêndio que destruiu o Reichstag (parlamento alemão) (p. 36), aos livros queimados pelo regime hitleriano (p. 71), incluindo os do próprio Alfred Kerr, à neutralidade da Suíça (p. 73), aos campos de concentração e a algumas das atrocidades aí cometidas (p. 108), entre outras.

O contraponto de tudo o que de traumatizante a fuga do espaço natal, a distância, a precariedade da vida como refugiados ou as dificuldades de índole diversa suscitam reside essencialmente em dois factos: em primeiro lugar, na vitalidade, na alegria e na capacidade de adaptação e superação características da infância, aqui recriada nas figuras de Anna e de Max, bem como na dos amigos com que convivem e brincam, personagens cujos gestos e acções acabam, em última instância, por enfatizar implicitamente o absurdo do segundo grande conflito bélico mundial; e, em segundo lugar, na união

103. Cf., por exemplo, Kerr, 2015: 20.

familiar¹⁰⁴ e na constante referência à sua importância, ao conforto, ao consolo e, até, à paz que esta proporciona. São assíduas passagens como «E estaríamos todos juntos» (p. 27), «(...) ao fim de pouco tempo descobriram que era bom estarem apenas juntos, sem dizerem nada» (p. 52), «Oh, nós ainda temos sorte por estarmos todos juntos...» (p. 63) ou «Não me importa onde estamos – disse ela –, desde que estejamos juntos» (p. 135). A estas importa juntar, por encerrar uma especial mensagem de optimismo e esperança, o seguinte excerto, patente no capítulo conclusivo do romance:

Infância difícil..., pensou. O passado e o presente separaram-se. Lembrou-se da longa e cansativa viagem desde Berlim com a mamã, de como tinha chovido, de como tinha lido o livro de Gunther e desejado uma infância difícil para que um dia pudesse ser famosa. O seu desejo tornara-se realidade? Será que, desde que partira da Alemanha, a sua vida podia ser descrita como «uma infância difícil»? Pensou no apartamento em Paris e na estalagem Zwirn. Não, era absurdo. Algumas coisas tinham sido difíceis, mas também interessantes e muitas vezes divertidas, e ela, Max, a mamã e o papá tinham estado sempre juntos. Enquanto estivessem juntos, nunca poderia ter uma infância difícil (...) (pp. 254-255).

É esse especial alento reflecte-se também, por exemplo, nas inúmeras passagens pontuadas de humor, na maioria dos casos, decorrente da visão/percepção infantis de Anna e de Max. O cómico emerge, portanto, na obra, nos seus três tipos – de linguagem, de carácter e de situação –, materializando-se, por exemplo, em certos equívocos linguísticos, como os que sucedem, por exemplo, quando os dois irmãos chegam a Paris¹⁰⁵, nas «curiosas» composições escritas em francês por Max¹⁰⁶, na própria actuação e presença algo histriónica de Omamá, a avó, que chega a Zurich com o seu cão Pumpel,

104. Para além do núcleo familiar restrito a que Anna constantemente alude, importa juntar, ainda, duas outras figuras afectivamente muito marcantes: Heimpi, a empregada que cuidava dedicadamente dos dois irmãos, e o tio Julius, o divertido amigo biólogo. Ambos permanecem na Alemanha, quando a família se vê obrigada a partir.

105. Cf. Anna, numa ida, à tarde, a uma loja, sauda o vendedor do seguinte modo: «Bonsoir Madame!» (p. 138).

106. Cf. pp. 142 e 143.

rante um ano, tendo por cenário Zurich (na estalagem Zwirn, junto ao lago), primeiro espaço físico de acolhimento da família alemã, e, posteriormente, Paris, e finaliza, em 1934, já em Londres. Marcada por mudanças dramáticas de índole diversa – geográficas ou físicas, psicológicas e afectivas –, a acção é, por conseguinte, amplamente dominada pelo tema da viagem, sucessivas incursões determinadas pela luta pela sobrevivência face à ameaça nazi.

Sendo a própria Judith Kerr a afirmar «Everything I do is autobiographical» (s.n., 2015) não surpreende, portanto, que a obra em análise seja perpassada por inúmeros elementos cuja veracidade biográfica e/ou histórica possa ser comprovada, decorrendo, portanto, de uma especial conjugação das memórias infantis, naturalmente subjectivas, e do entendimento posterior e adulto de quem escreve. Note-se, por exemplo, que Anna, alter-ego de Judith Kerr, gosta de desenhar e de escrever¹⁰³ e que o pai de Anna/Judith Kerr foi, de facto e na realidade, escritor. Trata-se de Alfred Kerr (1867-1948), autor de ascendência judaica, reconhecido e perseguido pelo regime nazi. Além disso, no texto, encontram-se, ainda, alusões a acontecimentos ou factos históricos, como o incêndio que destruiu o Reichstag (parlamento alemão) (p. 36), aos livros queimados pelo regime hitleriano (p. 71), incluindo os do próprio Alfred Kerr, à neutralidade da Suíça (p. 73), aos campos de concentração e a algumas das atrocidades aí cometidas (p. 108), entre outras.

O contraponto de tudo o que de traumatizante a fuga do espaço natal, a distância, a precariedade da vida como refugiados ou as dificuldades de índole diversa suscitam reside essencialmente em dois factos: em primeiro lugar, na vitalidade, na alegria e na capacidade de adaptação e superação características da infância, aqui recriada nas figuras de Anna e de Max, bem como na dos amigos com que convivem e brincam, personagens cujos gestos e acções acabam, em última instância, por enfatizar implicitamente o absurdo do segundo grande conflito bélico mundial; e, em segundo lugar, na união

103. Cf., por exemplo, Kerr, 2015: 20.

familiar¹⁰⁴ e na constante referência à sua importância, ao conforto, ao consolo e, até, à paz que esta proporciona. São assíduas passagens como «E estaríamos todos juntos» (p. 27), «(...) ao fim de pouco tempo descobriram que era bom estarem apenas juntos, sem dizerem nada» (p. 52), «Oh, nós ainda temos sorte por estarmos todos juntos...» (p. 63) ou «Não me importa onde estamos – disse ela –, desde que estejamos juntos» (p. 135). A estas importa juntar, por encerrar uma especial mensagem de optimismo e esperança, o seguinte excerto, patente no capítulo conclusivo do romance:

Infância difícil..., pensou. O passado e o presente separaram-se. Lembrou-se da longa e cansativa viagem desde Berlim com a mamã, de como tinha chovido, de como tinha lido o livro de Gunther e desejado uma infância difícil para que um dia pudesse ser famosa. O seu desejo tornara-se realidade? Será que, desde que partira da Alemanha, a sua vida podia ser descrita como «uma infância difícil»? Pensou no apartamento em Paris e na estalagem Zwirn. Não, era absurdo. Algumas coisas tinham sido difíceis, mas também interessantes e muitas vezes divertidas, e ela, Max, a mamã e o papá tinham estado sempre juntos. Enquanto estivessem juntos, nunca poderia ter uma infância difícil (...) (pp. 254-255).

É esse especial alento reflecte-se também, por exemplo, nas inúmeras passagens pontuadas de humor, na maioria dos casos, decorrente da visão/percepção infantis de Anna e de Max. O cómico emerge, portanto, na obra, nos seus três tipos – de linguagem, de carácter e de situação –, materializando-se, por exemplo, em certos equívocos linguísticos, como os que sucedem, por exemplo, quando os dois irmãos chegam a Paris¹⁰⁵, nas «curiosas» composições escritas em francês por Max¹⁰⁶, na própria actuação e presença algo histriónica de Omamá, a avó, que chega a Zurich com o seu cão Pumpel,

104. Para além do núcleo familiar restrito a que Anna constantemente alude, importa juntar, ainda, duas outras figuras afectivamente muito marcantes: Heimpi, a empregada que cuidava dedicadamente dos dois irmãos, e o tio Julius, o divertido amigo biólogo. Ambos permanecem na Alemanha, quando a família se vê obrigada a partir.

105. Cf. Anna, numa ida, à tarde, a uma loja, sauda o vendedor do seguinte modo: «Bonsoir Madame!» (p. 138).

106. Cf. pp. 142 e 143.

ou, ainda, na própria reacção do pai de Anna e Max, quando sabe que a sua cabeça é posta a prêmio pelos nazis. Releia-se precisamente esse breve segmento:

– Papá – disse Anna, passada a primeira alegria de vê-lo são e salvo. – Papá, fiquei um pouco preocupada quando soube que a tua cabeça estava a prêmio.

– Também eu! – disse o papá. – Muito preocupado.

– Ficaste? – perguntou Anna, surpreendida, visto que o papá parecia sempre tão corajoso.

– Bem, é um prêmio tão baixo... Mil marcos não chegam para nada, nos dias de hoje. Acho que valho muito mais do que isso, não te parece?

– Sim – concordou Anna, sentindo-se melhor.

– Nenhum bandido decente havia de querê-lo – disse o papá, abanando a cabeça. – Tenciono escrever a Hitler a protestar! (p. 122).

O estilo de Judith Kerr, caracterizado pela simplicidade lexical e sintáctica, pelos diálogos rápidos e vivos, pela ironia subtil, pela adjectivação expressiva, pelo sensorialismo e/ou visualismo, que possibilitam ao leitor reconstruir imaginativamente, por exemplo, os cenários da acção relatada, contribui para uma leitura muito aprazível. A este título, retome-se, apenas como exemplo, passagens como: «a neve estendia-se, espessa, seca e estaladiça, e a lua brilhava sobre ela» (p. 28); «sussurrar do vento nas árvores, o estalar da neve recente debaixo dos pés e o deslizar suave dos trenós atrás deles. O céu estava escuro» (p. 29); «O sol descia no céu. De vez em quando desaparecia atrás do cume de uma montanha, e então o lago escurecia e tudo no barco se tornava cinzento e monótono. Depois reaparecia no intervalo entre dois cumes e o mundo voltava a ser rosa-dourado» (p. 88).

Acrescente-se, ainda, uma relevante singularidade do volume em análise: a inclusão de pequenos segmentos visuais na abertura de cada um dos 24 capítulos que compõem a obra. Na verdade, trata-se de um conjunto de quadros cuidadosamente criados pela própria autora, que se destaca, como é sabido, não apenas como escritora, mas também como ilustradora, e que, por exemplo, ao valorizarem detalhes diegéticos ou ao centrarem-se numa determinada personagem, anunciam a evolução da acção e/ou criam expectativas no pró-

prio receptor. Desta galeria de ilustrações destacamos a última, patente no capítulo de encerramento, pelo facto de recriar visualmente os quatro elementos da família que protagoniza a narrativa, todos unidos, como se de um retrato se tratasse. Este pequeno segmento visual ganha especial significado, na medida em que corrobora uma das linhas ideotemáticas mais relevantes da obra de Judith Kerr: a família.

Concluimos esta análise, reafirmando que *Quando Hitler Roubou o Coelho Cor-de-rosa* é, pois, um romance muito singular, feito de memória(s), uma narrativa que sugere um caminho de compreensão do passado e da condição humana, testemunhando, assim, o facto da literatura de potencial recepção infanto-juvenil também poder ser uma literatura contra a desmemória.



Referências bibliográficas

- Brennan**, Geraldine (2009), «*When Hitler Stole Pink Rabbit*», in Julia Eccleshare, *1001 Children's Books You Must Read Before You Grow Up*, London: Quintessence, p. 585.
- Lathey**, Gillian (2014), «Literature of War: Comparative and Autobiographical Approaches», in Catherine Butler e Kimberley Reynolds, *Modern Children's Literature. An Introduction*, London/ New York: Palgrave (2ª ed.), pp. 121-136.
- s./n.** (2015), «Rabbit,' Judith Kerr Still Has Yarns To Spin», in <http://forward.com/news/breaking-news/322129/long-after-when-hitler-stole-pink-rabbit-judith-kerr-still-has-yarns-to-spin/> [Consultado no dia 05/05/2015].